

Rebecca Solnit

# As Coisas Que os Homens Me Explicam

Imagens de Ana Teresa Fernandez

Tradução de Tânia Ganho

*Para as avós, os igualitários, os sonhadores, os homens  
que percebem, as mulheres jovens que persistem,  
as mulheres mais velhas que abriram o caminho,  
pelas conversas que não terminam e por um mundo  
que permita que Ella Nachimovitz  
(nascida em janeiro de 2014) floresça plenamente.*





CAPÍTULO 1



## Capítulo 1

### As coisas que os homens me explicam

2008



AINDA HOJE CONTINUO SEM PERCEBER porque a Sallie e eu nos demos ao trabalho de ir àquela festa na encosta florestada acima de Aspen. As pessoas eram todas mais velhas do que nós e desinteressantes, ainda que ilustres, suficientemente velhas para que nós as duas, na faixa dos quarenta, passássemos pelas jovens da festa. A casa era excelente – para quem gosta de chalés ao estilo Ralph Lauren –, feita de madeira e com ar toско, mas de luxo, a quase três mil metros de altitude, decorada com armações de alces, montes de *kilims* e uma salamandra. Preparávamo-nos para ir embora, quando o nosso anfitrião disse: «Não vão, fiquem mais um pouco para eu conversar convosco.» Era um homem imponente, que conquistara uma fortuna.

Fez-nos esperar enquanto os outros convidados saíam e mergulhavam na noite estival e, em seguida, mandou-nos sentar a uma mesa de madeira genuinamente riscada de veios e, dirigindo-se a mim, disse:

– Então, ouvi dizer que escreveu um livro ou dois?

– Vários, na verdade – respondi.

– E são sobre o quê? – perguntou, no tom de quem incentivava a filha de sete anos de uma amiga a descrever as aulas de flauta.

Na realidade, os seis ou sete que já tinha publicado até então eram sobre uma série de coisas diferentes, mas, naquele dia de verão de 2003, comecei a falar só sobre o mais recente, *River of Shadows: Eadweard Muybridge and the Technological Wild West*, o meu livro sobre a destruição do tempo e do espaço e a industrialização da vida quotidiana.

Ele interrompeu-me assim que mencionei Muybridge.

– Ouviu falar no livro *muito importante* sobre Muybridge que saiu este ano?

Eu estava tão imersa no papel de ingénua que me fora atribuído que aceitei sem questionar a hipótese de ter saído outro livro sobre o mesmo tema, na mesma altura que o meu, e de isso me ter escapado de alguma maneira.

Entretanto, já ele me estava a falar sobre o tal livro muito importante, com aquele ar presunçoso que conheço tão bem nos homens quando se põem a perorar, de olhos fixos no horizonte vago e distante da sua própria autoridade.

Deixem-me só dizer que a minha vida está devidamente recheada de homens amorosos, que incluem uma longa sucessão de editores que, desde a minha juventude, me têm ouvido, incentivado e publicado, o meu irmão mais novo infinitamente generoso e amigos fantásticos de quem se poderia dizer – como o Estudante dos *Contos de Cantuária*<sup>1</sup>, de que ainda me lembro das aulas do professor Pelen sobre Chaucer – que *de bom grado querem aprender e de bom grado querem ensinar*. Não obstante, também existe este outro tipo de homens. Portanto, estava o Sr. Muito Importante a discorrer presunçosamente sobre o tal livro que eu tinha obrigação de conhecer, quando a Sallie o interrompeu:

---

<sup>1</sup> Obra de Geoffrey Chaucer, considerado o pai da poesia inglesa, publicada pela primeira vez em 1475. (*N. da T.*)

– Está a falar do livro dela.

Ou melhor, tentou interromper, mas ele continuou como se nada fosse. Ela teve de repetir «Está a falar do livro dela» três ou quatro vezes para que finalmente ele digerisse a informação. E então, como num romance do século XIX, o homem ficou lívido. O facto de eu ser a autora do livro muito importante que afinal ele não tinha lido, apenas lera uma recensão no *The New York Times* havia uns meses, baralhou de tal maneira as categorias ordeiras em que organizara o seu mundinho que ele ficou atordoado e sem fala... durante uns instantes e, depois, recomeçou a perorar. Como somos mulheres, tivemos o cuidado de só começar a rir quando ele já não nos podia ouvir e acho que ainda não parámos.

Gosto de episódios deste género, em que forças que geralmente são matreiras e furtivas saem do mato onde se escondem e se tornam tão notórias como, sei lá, uma anaconda que comeu uma vaca ou como uma bosta de elefante no tapete.

#### O TERRENO ESCORREGADIO DO SILENCIAMENTO

Sim, aparecem pessoas de ambos os sexos em eventos a perorar sobre coisas irrelevantes e teorias da conspiração, mas a autoconfiança conflituosa assumida dos perfeitos ignorantes é, segundo a minha experiência, apanágio de um dos sexos. Os homens explicam-me coisas, a mim e a outras mulheres, quer entendam, quer não, do assunto em causa. Alguns homens.

Qualquer mulher sabe a que me refiro. É a arrogância que dificulta, por vezes, a vida a qualquer mulher em qualquer área; que impede as mulheres de se pronunciarem ou de se fazerem ouvir quando se atrevem a falar; que reduz as mulheres jovens ao silêncio, mostrando-lhes, tal como o assédio nas ruas, que

o mundo não é delas. Faz-nos duvidar de nós próprias e autoimpormo-nos limites, da mesma maneira que desenvolve a autoconfiança excessiva e injustificada dos homens.

Não ficaria surpreendida se chegássemos à conclusão de que uma parte da trajetória da política norte-americana, desde 2001, foi moldada, por exemplo, pela incapacidade de dar ouvidos a Coleen Rowley, a agente do FBI que emitiu os primeiros avisos sobre a Al-Qaeda, e foi indubitavelmente moldada por uma Administração Bush à qual não se podia dizer nada, incluindo que o Iraque não tinha ligações à Al-Qaeda nem armas de destruição maciça, ou que a guerra não ia ser «canja». (Nem os especialistas masculinos conseguiram entrar nessa fortaleza de presunção.)

A arrogância poderá ter tido uma quota-parte de responsabilidade na guerra, mas esta síndrome é uma guerra que praticamente todas as mulheres enfrentam todos os dias, uma guerra que se trava dentro delas, também, uma crença na sua superfluidade, um convite ao silêncio, uma guerra da qual uma carreira bastante simpática como escritora (com muita investigação pelo meio e muitos factos corretamente alinhados) não me libertou por completo. No fim de contas, por um instante estive disposta a deixar que o Sr. Importante e a sua autoconfiança jactanciosa derrubassem as minhas certezas que eram mais trémulas.

Não se esqueçam de que vi muito mais vezes confirmado o meu direito de pensar e falar do que a maior parte das mulheres, e aprendi que uma certa dose de autoquestionamento é uma boa ferramenta para corrigir, compreender, escutar e evoluir, embora em demasia tenha um efeito paralisador, enquanto a autoconfiança a cem por cento gera idiotas arrogantes. Existe uma solução de compromisso entre estes dois

extremos para os quais os sexos foram empurrados, uma faixa equatorial amena, onde se dá e se recebe, e onde todos nós nos deveríamos encontrar.

Existem versões mais extremas da nossa situação, por exemplo, naqueles países do Médio Oriente onde o depoimento das mulheres não tem qualquer valor jurídico, de maneira que uma mulher só pode declarar que foi violada se tiver uma testemunha masculina para contrapor ao violador masculino – o que raramente acontece.

A credibilidade é uma ferramenta básica de sobrevivência. Quando eu era muito jovem e começava a perceber o que era o feminismo e porque é que era necessário, tive um namorado cujo tio era físico nuclear. Num Natal, ele contou – como se fosse um assunto leve e divertido – que a mulher de um vizinho da sua comunidade suburbana, um fabricante de bombas, tinha saído de casa a correr a meio da noite, a berrar que o marido estava a tentar matá-la. Perguntei-lhe como é que sabia que ele não estava realmente a tentar matá-la. Pacientemente, explicou-me que se tratava de pessoas respeitáveis de classe média. Por conseguinte, a ideia de o marido estar a tentar matá-la não era uma explicação credível para ela fugir de casa a berrar que o marido estava a tentar matá-la. Agora, se pensássemos que era louca...

Até para se obter uma providência cautelar – uma ferramenta legal relativamente recente – é preciso dar mostras de credibilidade para convencer o tribunal de que determinado indivíduo constitui uma ameaça e, depois, conseguir que a polícia execute a ordem na prática. Verdade seja dita, as providências cautelares raramente funcionam. A violência é uma maneira de silenciar as pessoas, de lhes negar a voz e a credibilidade, de um indivíduo afirmar que tem o direito de controlar o direito de elas existirem. Nos Estados Unidos, cerca de

três mulheres são assassinadas por dia pelos cônjuges ou ex-cônjuges. É uma das principais causas de morte de mulheres grávidas neste país. No âmago da luta do feminismo para conseguir que a violação, a violação num encontro amoroso, a violação conjugal, a violência doméstica e o assédio sexual no local de trabalho obtenham o estatuto legal de crime tem estado a necessidade de fazer com que as mulheres sejam credíveis e audíveis.

Eu tendo a acreditar que as mulheres adquiriram o estatuto de seres humanos quando este género de atos começou a ser levado a sério, quando as coisas de monta que nos cortam as asas e nos matam foram legalmente abordadas, a partir de meados dos anos 70; ou seja, muito depois de eu ter nascido. E para quem estiver a pensar argumentar que a intimidação sexual no local de trabalho não é uma questão de vida ou morte, lembrem-se de que a cabo fuzileira Maria Lauterbach, de vinte anos, foi aparentemente assassinada por um colega de patente superior, numa noite de inverno, quando estava à espera de depor que ele a violara. Os restos mortais queimados do seu corpo grávido foram encontrados na fogueira do quintal dele.

Ouvir dizer, categoricamente, que um homem sabe do que está a falar e uma mulher não, por mais que seja um pormenor numa conversa, qualquer que ela seja, perpetua a fealdade do mundo e reprime a luz. Quando o meu livro *Wanderlust* saiu, em 2000, senti-me mais preparada para resistir às vozes agressivas que me tentavam demover das minhas próprias percepções e interpretações. Em duas ocasiões, por essa altura, protestei contra o comportamento de um homem e levei como resposta que os incidentes não tinham acontecido de maneira nenhuma como eu dizia, que eu estava exausta e a ser subjetiva, paranoica, desonesta, resumindo: tipicamente feminina.